

Por todos estes aspectos, torna-se, a nosso ver, muito tênue a afirmação de Mário Barreto de que nestas construções se trata de um uso arcaizante, por influência do latim.

Esperamos vivamente que esta suculenta amostra com que nos brinda AG-Cunha prossiga na concretização do futuro *Vocabulário do Português Medieval* que tanta falta faz aos estudos adiantados da nossa gramática e de nosso léxico históricos.

E.B.

\*

Euclides da Cunha, *Krieg im Sertão*, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Berthold Zilly, Frankfurt a.M.: Suhrkamp 1994

Não é necessário dar relevo à grande influência exercida pela obra magistral de Euclides da Cunha sobre a tradição escrita da língua portuguesa do Brasil no século XX. Tampouco precisa se lembrado o fato de a forma estilística pela qual o autor optou ser objeto de controvérsias, seja pela dificuldade de compreensão e análise que o livro apresenta, seja pela relação entre forma e conteúdo, não raro considerada como imprópria. Talvez tenha sido isto que dificultou a sua tradução para outras línguas e a razão pela qual, apenas agora, apareceu uma versão alemã a despeito do grande interesse que o Brasil tem despertado nos países germanófonos.

A tarefa inicial do tradutor consistia em interpretar o caráter específico deste livro. Era mister não apenas familiarizar-se com os conceitos científicos e a ideologia reinante da época do tratado euclidiano, mas também fazer-se uma análise dos seus aspectos literários, lingüísticos e estilísticos. As idéias expostas pelo tradutor num brilhante epílogo que, aliás, transpõe os limites de seu trabalho, mostram, de maneira exemplar, como o tradutor desta imensa obra, antes de começar a tradução propriamente dita, foi obrigado a assumir uma posição intelectual frente à sua incumbência.

Enquadra-se o estudo monumental euclidiano naquelas obras determinantes de uma cultura nacional que, para o tradutor, constituem um perigoso dilema de opção entre a fidelidade ao original, a forma adequada e a compreensibilidade, pois era preciso encontrar uma linguagem que, embora nem sempre podendo adequar-se ao original, deixasse transparecer certo ideal defendido pelo autor brasileiro. No caso da versão alemã, este problema foi resolvido pelo tradutor por meio de um aparato crítico composto de um ensaio, de notas e de um glossário. A explicação de termos desconhecidos a um leitor estrangeiro, um apêndice de notas que informam quase exaustivamente sobre pessoas, coisas e fatos brasileiros contidos no texto euclidiano e o epílogo já mencionado transformam o tradutor num verdadeiro editor do livro traduzido. Recorrendo a muitos elementos da retórica clássica, salientados no epílogo, assim como a uma linguagem tradicional ainda vigente no início do

nosso século e caracterizada, na sua morfossintaxe, pelo modelo dos autores clássicos portugueses, Euclides representa um ideal lingüístico-estético que convinha recriar na tradução.

Tanto no Brasil como em Portugal, a obra de Euclides da Cunha foi acessível, na época de sua publicação, apenas a minúsculos grupos da burguesia culta. As dificuldades com as quais depara um leitor brasileiro de hoje explicam-se justamente pelo fato de aqueles grupos terem elevado o autor de *Os Sertões*, durante as décadas seguintes, a um clássico nacional. Isto fez com que o tradutor se decidisse a apresentar uma versão que seguisse os moldes da cultura escrita clássica alemã. Berthold Zilly recorreu, com razão, a um alemão escrito tradicional para manter o princípio da lealdade para com o original. Destarte, a alta qualidade da tradução verifica-se sobretudo nos trechos cruciais de *Os Sertões* como, por exemplo, na famosa descrição do sertanejo (p. 131-134).

Ao designar a língua original na qual está escrito *Os Sertões*, o tradutor fez bem em chamá-la de *português do Brasil*. Traduzido do português talvez tivesse sido demasiado restrito; traduzido do brasileiro, como hoje em dia tanto se lê, seria um erro crasso. A linguagem euclidiana se distingue pelo uso rigoroso da morfossintaxe lusitana e um verdadeiro festival de termos eruditos, palavras técnicas, arcaísmos e brasileirismos. Esta mescla lexical é que dá à obra de Euclides da Cunha uma índole própria, criando numerosos problemas ao seu tradutor e exigindo dele um virtuosismo similar na sua própria língua.

Baseada nestes requisitos contedutísticos e formais, a tradução bem sucedida sob todos os aspectos constitui, juntamente com as notas, o glossário e um ensaio intitulado epílogo, uma importantíssima contribuição aos estudos brasileiros nos países de língua alemã. A forma ensaística em que está escrito o epílogo não compromete em nada a qualidade de seu conteúdo. Trata-se, apesar da sua brevidade, de uma exposição não só do autor e da obra, mas também da missão que o próprio Euclides se impôs e do quadro histórico e social em que ela se originou. O epílogo do tradutor é fruto de uma intensa dedicação às interpretações que se têm feito da obra euclidiana no decorrer destas últimas décadas e que, como se sabe, estão longe de ser unânimes. A discussão levada a cabo mais intensamente desde os anos 60 acerca de uma avaliação justa do movimento messiânico, que é o âmago do ponto de vista euclidiano, é tomada amplamente em consideração, sendo resultado de intensas pesquisas bibliográficas.

O tradutor recorda que Euclides considerou a sua obra como parte da literatura universal. Pode-se dizer que a tradução alemã recém-lançada satisfaz plenamente as ambições de Euclides da Cunha e terá, nos países de língua alemã, uma importância fundamental para o interesse pelo Brasil e os futuros estudos sobre este país.

Gerardo Guedes de Figueiredo  
e Wolfgang Roth

\*\*\*